

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — FUNDADO EM 11 DE JANEIRO DE 1932

Redacção e Administração: L. Conselheiro João Franco, 30.

Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa.

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS DE CASTRO.

Citânia de Briteiros

Ainda a propósito das considerações feitas pelo nosso ilustre colaborador A. F., escreve-nos a seguinte carta o distinto publicista, sr. Dr. Alfredo Pimenta:

Sr. Director das *Notícias de Guimarães*: — o seu colaborador A. F. responde à minha última carta, para insistir na sua primitiva ideia — a de transformar a Citânia de Briteiros em local de turismo. Chama-me derrotista. Derrotista — eu?! Alguma coisa tenho feito pela minha terra; alguma coisa tenho feito pelo meu País. Não é dum derrotista tal procedimento.

Mas deixemos isso.

Quer o sr. A. F. que a Citânia seja um lugar de turismo. Vamos a entender-nos sobre o em que consiste, para o sr. A. F., um lugar de turismo.

No seu primeiro artigo, escreveu:

«Proporcione-se naquele sedutor local algum conforto aos visitantes. Sumam-se todos os pedregulhos. Aformoseie-se a encosta». Temos, portanto, que para o sr. A. F., fazer da Citânia de Briteiros local de turismo é:

1.º) oferecer conforto aos visitantes;

2.º) sumir os pedregulhos;

3.º) embelezar a encosta.

O derrotista que eu sou gosta muito de coisas claras, e sobre as quais não possa haver equívocos.

Assim:

1.º — que espécie de conforto quer o sr. A. F. dar aos visitantes da Citânia? Conforto no acesso? Já o tem. Conforto no percurso da Citânia? Conforto, enquanto analisam, estudam, observam as ruínas? Mas que espécie de conforto será esse? Conforto, durante a estada na Citânia, a olhar a paisagem?

O sr. A. F. não deixará de precisar a sua ideia, para não estarmos aqui a discutir fantasias.

2.º — que pedregulhos quer o sr. A. F. sumir? Os restos dos pavimentos das ruas da Citânia? Os restos dos muros que ladeiam as ruas? Os restos das casas da Citânia? As ruínas desconjuntadas, em suma?

Mas isso seria a mais abominável das profanações, sr. Director! Ruínas são ruínas. Todo o restauro é um crime de lesa-arte, ou de lesa-ciência, quando ultrapassa os limites da limpeza, do pôr a nú o que era, o que estava. Aquilo que fizeram ali no Castelo de Guimarães, de pôrem pedrinhas novas em fôlha, em lugar das que a acção do tempo deitou abaixo, censurou-o sempre acrimosamente.

Que quer o sr. A. F. fazer das pedras soltas da Citânia? Deitá-las fora? Arrumá-las, em monte, para um canto? Vende-las para os calceteiros da estrada? Outras irão caíndo, outras se desagregarão — e daqui a pouco, da Citânia, temos apenas a memória.

O que lhe tem garantido a existência, até agora, é precisamente o critério oposto ao do sr. A. F. Mas sua ex.ª dirá o que entende por sumir os pedregulhos da Citânia.

3.º — que espécie de encosta quer aformosar o sr. A. F.? A que vai cá do sopé do monte até às primeiras muralhas da Citânia? Nada tenho que opôr. Não me interessa o caso — uma vez que a Citânia seja defendida da invasão dos estúrdios que no auge dos entusiasmos mais ou menos verdasqueiros, derribam muros, cortam árvores frágeis, estragam tudo quanto podem haver à mão. Quer dizer: o sr. A. F. vai ter a bondade de nos esclarecer, precisando, definindo o seu pensamento. Isto de escrever: «a Citânia deve ser um local de turismo», sem mais nada, presta-se a muitas interpretações.

Pregunto ao sr. A. F.: em que consiste a transformação da Citânia em local de turismo?

Aguardo a sua resposta — para discutirmos delicadamente, sempre com os olhos postos nos interesses de Guimarães, nos seus interesses materiais e espirituais.

E' assim que me convém discutir, a mim, o derrotista, que olho para esta desgraçada terra, desolado, ao ver o estado a que a arrasaram as desavenças dos seus filhos.

Cria-me, sr. Director, seu muito amigo

Casa da Madre de Deus.

ALFREDO PIMENTA.

O nosso muito apreciado e distinto colaborador, Manuel de Guimarães, dirigiu-nos, a propósito da carta do sr. Dr. Alfredo Pimenta, publicada no número 135, deste jornal, o seguinte:

... Sr. Director do «Notícias de Guimarães»

Recebi o «Notícias» de 2 do corrente, que me trouxe um morteiro pesado, lançado pelo sr. Dr. Alfredo Pimenta. Desde que entrei nas trincheiras do «Notícias» andava à espera dum bombardeamento, mais ou menos intenso, de sua ex.ª. Dizia-me o coração que, mais dia, menos dia, eu seria atacado; de admirar foi a demora. Eu não vim para as trincheiras do seu jornal, sr. Director, para alimentar ódios nem paixões e, muito menos, para atear questões antigas ou recentes, nem para provocar discórdias entre os naturais duma terra que, gostosa e enternecidamente, escolhi para minha terra adoptiva, por ter recebido dela, aos verdes anos, o pão do espírito como o pão para o corpo germinado na ubérrima veiga de Donim.

Não tenho, hoje, na minha querida Donim, um simples palmo de terra onde possa plantar a mais simples e modesta roseira. No entre-

Ferros Curtos

Vária

«Queixam-se-nos, e com razão, alguns moradores do Largo Cônego José Maria Gomes, de que não funciona ainda o candieiro há muito tempo colocado naquele Largo, e bem assim da falta de água que ali se faz sentir, não obstante, existir, também, um marco fontenário. Recomendamos o assunto à Comissão Administrativa da Câmara».

Da Carta de Guimarães para «O Primeiro de Janeiro».

A' Comissão respectiva
Pede o João, no Janeiro,
Em sua diária missiva,
Protecção p'ra um candieiro
De energia negativa,
Pois naquela expectativa
Dá a impressão dum isqueiro...

«A antiga viela de S. Crispim, devido ao estado de imundície em que, muitas vezes, se encontra, constitui um perigo para a saúde pública. Urge reprimir certos abusos que ali se praticam».

(Idem).

Mais: abusos tenham fim,
Na viela de S. Crispim;
Quem faz tanta porcaria,
Quer de noite quer de dia,
— O que constitui um perigo —
Merece forte castigo...

«E' costume velho algumas sardineiras fazerem o seu negócio junto da Cooperativa — «A Económica Vimaranesa» — deixando ali resíduos de sardinha que batidos pelo sol ardente que tem estado, provocam um cheiro nauseabundo. Urge que as autoridades coibam este insuportável abuso que muito depõe contra a higiene pública».

(Idem).

E roga ainda o João:
— Junto da Cooperativa
Que não haja permissão
Para feira enjoativa;
E as sardineiras que vão
Vender sardinha da viva,
Cujo cheiro nos enfarta,
— Lá para o raio que as parta...

«E' necessário que as autoridades ordenem que os menores não possam andar pelas ruas da cidade, entregues à vadiagem, depois das 10 horas da noite».

(Idem).

Que é preciso reprimir
— E lá isso é verdade —
Depois da noite cair,
Vadiagem na cidade;
Garotos que vão dormir
— P'ra bem da Sociedade!

«Últimamente, alguns automobilistas praticam o abuso de verbas insuportável do «escape» aberto, pelas ruas da cidade, incomodando, assim, não só as pessoas saudáveis, mas, muito principalmente, as doentes».

A polícia só cumpre o seu dever, aplicando as respectivas multas aos que continuarem a proceder, desta forma».

(Idem).

Todos automobilistas
Que abusam de escape aberto,
Paguem as multas previstas,
— Pois isto não é deserto.
Encomodam os doentes
E as pessoas saudáveis.
— Motoristas detestáveis,
O' volantes imprudentes,
Motoristas infernais:

Preferimos dores de dentes
A's escapes que largais...

BANDARILHEIRO.

COMPRANDO NA NOSSA CASA

COMPRA

BOM E BARATO

Camisaria Martins
CASA-DAS-MEIAS

Visado pela
Comissão de Censura.

tanto, V. ... sabe, melhor que outrem, quanto tenho feito, dentro da minha pouca inteligência e da minha falta de geito para o jornalismo, não só por Donim, como pelo bom nome e engrandecimento de Guimarães. A minha colaboração no seu jornal, desinteressada e instada, tinha, tem e terá um único fim: procurar saldar uma dívida de gratidão, engrandecendo, dentro da minha insignificância, é claro, a terra a que, orgulhosamente, chamo Mãe. Discorda o sr. Dr. Alfredo Pimenta do que escrevi a respeito da Citânia; está no seu pleno direito; nem outra coisa era de esperar, dada, como se verifica, a enorme diferença de cultura entre sua ex.ª e este *zé ninguém* que eu sou. Encetar, pois, polémica em tam desvantajosas condições, parece-me esforço inútil e tempo desperdiçado; entretanto, para mostrar a sua ex.ª o meu amor a Guimarães, basta que lhe diga que quando julgo a minha insuficiência incapaz de enfrentar um problema, procuro mão amiga que supra o meu lugar no «Notícias» como o sr. Dr. Alfredo Pimenta terá visto, no próprio número em que me mimoseou com o seu morteiro pesado! Não será isto contribuir para o bom nome de Guimarães? Não será motivo de alegria, pelo menos, ver na imprensa local o nome duma alta individualidade militar que ali não apareceria, com certeza, se não fôsse o pouco préstimo deste *zé-ninguém*? Que mais poderia eu fazer em prol da terra amada? Nesta altura e, embora a honra imerecida que o sr. Dr. Alfredo Pimenta me concedeu, entendo que devo ceder-lhe o lugar que ocupava no «Notícias», retirando-me para a segunda linha, para gozar o merecido descanso. Considero suficientemente paga a minha dívida de gratidão a Guimarães e o sr. Dr. Alfredo Pimenta, como vimaranense do melhor quilate, poderá contar com mais espaço para a defender e dignificar com a sua incontestada inteligência; o dever de bom vimaranense impõe-lhe esse leve sacrifício. Os autenticamente nulos, como eu, não têm o direito — reconheço-o agora — de roubar o espaço aos intelectuais, de mais a mais, quando só a estes cumpre, por obrigação, que não por devoção, defender os altos interesses da terra onde nasceram.

Desculpe, sr. Director, o espaço que lhe tomei e creia-me, com a maior consideração, de V. ..., atento, venerador e obrigado,

MANUEL DE GUIMARÃIS.

M. F., um vimaranense que muito tem feito pela sua e nossa terra, homem de valor e espírito culto, escreve-nos a seguinte carta:

... Sr. Director:

Venho da Citânia de Briteiros; já lá não ia há 10 anos. Falta-me a competência para me atrever a discutir as transformações e arranjos que por lá se notam; mas sobeja-me o desgosto, ia para escrever indignação, pelo abandono em que as ruínas se encontram e sordidez com que nos recebe quem superintende naquele recinto a todos os títulos sagrado.

Momentos depois de ter entrado na Citânia pela brecha que contínuos escalamentos abriram ao lado duma inútil cancela cuidadosamente fechada, surge um maltrapilho, descalço, rôto, em camisa da cinta para cima, mas camisa sujíssima, repelente. Desvanecida a natural impressão de susto que tal encontro, em sítio êrmo, causou nas pessoas que me acompanhavam, o homem, a quem eu preguntara pelo guarda do recinto, respondeu-me que era êle; depois esclareceu que o verdadeiro guarda tinha outras ocupações longe do sítio e o encarregara a êle de o substituir, mediante a esportula de 5 escudos diários.

Acompanhou-me durante alguns minutos, mostrando, pelas asneiras que disse, uma absoluta ignorância de tudo que pudesse interessar a um visitante; a sua preocupação maior era a de chamar a atenção para o panorama, realmente soberbo, mas que a formidável grandeza da comoção que nos incutem aquelas ruínas, deixa ofuscado no nosso espírito. Da Citânia apenas indicava um ou outro pormenor que «devia ser importante», dizia êle, «pois algumas famílias se tinham demorado a examiná-lo».

Chegaram mais visitantes e o homem correu para êles não se importando, felizmente, mais comigo.

Continuei a minha visita e notei que era seguido por dois rapazes, com aspecto de guardadores de gado, o mais velho dos quais ainda não teria 10 anos. Foram êles que me guiaram a todos os sítios que lhes indicava, mostrando conhecerem a Citânia em todos os seus recantos.

E aqui tem, sr. Director, de maneira iniludível, demonstrado o despreço que há pela Citânia, por aqueles que a visitam e pela memória de Sarmiento, que, no entanto, procurando suprir o desleixo do Estado e do Município, deixou quintas e palacetes cujo produto devia chegar para pagar as despesas que evitassem esta vergonha.

Afigura-se-me que a vedação por gradeamento de todo o recinto e a sua guarda por indivíduos limpos, uniformizados e competentes, há muito se podia ter conseguido. Parece-me também que os visitantes, sem qualquer espécie de relutância, contribuiriam para essas despesas, pagando a entrada e comprando os folhetos que, glorificando Martins Sarmiento, resumindo os ensinamentos daquelas ruínas, apontando o itinerário e assuntos principais a examinar, ali deviam encontrar-se à venda.

Nesse sentido suponho eu que se justificaria uma campanha; mas nada de se querer transformar a Citânia em belvedere, que tantos temos de igual beleza nesta região, e muito menos em local de arraial ou estância de recreio. Nisso estou eu de acôrdo com a opi-

COISAS & LOISAS

O CUSTO DA VIDA

Diz-se que há males que não têm cura. Este — o do custo da vida, parece ser um deles, tal é o agravamento que, de vez em quando, se sente e que afec-ta sobretudo as classes pobres, sem deixar de criar, também, as mais sérias dificuldades àqueles cujos recursos são deficientes. Os géneros de primeira necessidade, sem os quais é impossível acudir às necessidades do sustento quotidiano, deviam manter-se num preço acessível a toda a gente. Infelizmente, não é isto o que acontece. Se determinado artigo se compra hoje pelo preço de X, amanhã esse mesmo artigo já está mais caro, não havendo, portanto, estabilidade no preço da venda ao consumidor, que é, sempre, quem sofre as consequências. Casos há — e eu reconheço isso — que a oscilação de preços é inevitável, devido a qualquer *circunstância legal*. Porém, o facto mais agravante não é propriamente este, mas sim o que provém da *percentagem arbitrária* que o fornecedor lança sobre qualquer outra, determinada por qualquer diploma emanado dos Poderes Públicos. E é a pretexto disto, que alguns fornecedores, aqueles que têm uma consciência *adaptável* às suas comodidades e aos seus interesses, não sentem a falta de escrúpulo quando se aproveitam do agravamento de qualquer imposto para sobrecarregar a mercadoria com o duplo ou triplo do aumento atribuído. E' dentro deste *círculo vicioso* que vive uma parte dos fornecedores, sempre habilitados a respeitarem a subida de preços e nunca dispostos a conformarem-se com a baixa dos mesmos. E não vejo outro motivo que justifique os diferentes preços que a *mesma* mercadoria tem no mercado e, bem assim, a diferença de critério que se nota entre os diversos fornecedores. Mas é o tal caso da propriedade de que gozam todos os corpos elásticos, o mesmo sucedendo na classe dos fornecedores, onde se encontram consciências verdadeiramente elásticas, com a diferença de que estas dificuldades retornam à forma primitiva... Longe de mim a intenção de atingir quem não tem culpas no *cartório*; quem não deve não teme, e, portanto, da lição so podem utilizar-se aqueles que não tenham em consideração as necessidades do seu semelhante nem o próprio prestígio da sua classe. E' um assunto que reclama providências. Oxalá sejam tomadas.

SEMPRE A MESMA SORTE!

Nos 365 dias que o ano tem — quando não seja nos 366 — não há um só em que não se registem vários desastres de automóveis ou caminhetas. E' um *fenómeno* que apenas se pode atribuir às seguintes causas: excessos de velocidade, condutores com habilitação insuficiente e falta de técnicos para examinarem o maquinismo dos carros, de modo a assegurar a vida de quem precisa de se utilizar destes meios de transporte.

Quanto desastres por excesso de velocidade?

Quanto por insuficiência de habilitação dos condutores?

Quanto por falta de boas condições do maquinismo?

Além destas — que devem ser as principais — outras causas podem haver, mas estou convencido de que se se procurasse indagar, com rigor, de qual o motivo de todos os desastres, o maior número deles seria devido aos acima mencionados. Quanto a excesso de velocidade, não se torna necessário sair fora da cidade de Guimarães, para se verificar o indesculpável abuso que dia a dia se nota e que é *bem digno* de ser severamente reprimido. Não é a primeira vez que falo neste caso, mas, como todos estamos sujeitos à mesma sorte — a um brutal atropelamento, acho que nunca deixará de ser oportuna qualquer coisa que se diga a tal respeito, sobretudo enquanto não forem tomadas providências. Julgo que nem os mais desgostosos da vida desejariam morrer por este processo. Entregar a vida a *destempestos* desta natureza, é que não está certo.

POBRE S. FRANCISCO!

Surgiu no espirito de alguém a infeliz ideia de pôr a descoberto o *esqueleto fantasma* do *popularizado* «Castelo dos desalmados» — assim se chama agora — e não há quem tome a iniciativa de embelezar o Largo de S. Francisco. Desde muito tempo se vem pugnando por este melhoramento, mas não há quem atenda os rogos daqueles que pedem a satisfação de tam atendível pretensão. O Largo de S. Francisco continua a servir de coradouro, e de recreio de galinhas e de garoto! Nem ao menos se respeita o templo sagrado que lhe está junto, assim como aquele outro onde funcionam as Escolas — templo de instrução e educação, cujo patrono é o mesmo S. Francisco. Um e outro são dignos de terem junto de si um Largo decente, um Largo que não deve continuar abandonado. Para miséria, para vergonha, para afronta ao

nião de Alfredo Pimenta, exposta num dos últimos números do «Notícias de Guimarães».

Creia-me sr. Director, um dos seus mais sinceros e dedicados admiradores.

M. F.

brin e à dignidade dos vimaranenses, chega muito bem o desmantelado e imundo Castelo, aqui referido. E' perante tudo isto que eu digo: Pobre S. Francisco!

Pipi.

Esquema semanal

Artes diabólicas

Não resta dúvida que Hitler tem artes diabólicas mais acentuadas do que as de qualquer mefistóles da ópera.

Enviado à Alemanha como um novo *redentor*, à custa da força dos guardas de assalto tem conseguido tudo aquilo que a sua ambição desmedida lhe dita, mesmo que oprima ou esterelize os seus inimigos, que enforque ou mande fuzilar os seus companheiros de óntem, que forge testamentos falsos e, finalmente, que vista a pele dum cordeiro a balir suas máguas — arengando que quer um povo pacífico mas valente, tal qual o lobo da fábula.

Chanceler, *fuehrer*, *Reich-fuehrer* — eis os cargos que à custa de sangue e de promessas de paz tem servido à maravilha para o antigo pintor de taboetas na Austria!

Para ele, o elixir da longa vida; para os seus antagonistas, o massacre em massa.

«E continua o mundo no seu giro perfeito!»

Tragédia marítima

Ainda se não tinham apagado dos nossos olhos as descrições das tragédias marítimas ocorridas em grandes transatlânticos, e já uma nova catástrofe veio enlutar a humanidade — o incêndio do «Morro Castle».

As informações lançadas *urbi et orbi* dizem-nos que tamanho incêndio ou foi produzido por um raio, ou provocado por uma enorme borracheira dos oficiais de bordo, no festim da última noite de viagem.

Os extremos tocam-se: a ira divina e a tara legada aos homens feitos à imagem e semelhança dos deuses.

Há quem afirme que aquela tragédia foi obra de «comunistas» cubanos... o que nada admira, visto ser moda esta acusação e os cubanos pretendem repudiar a pata da América.

De qualquer maneira, o crime é hediondo e mostra bem os instintos de quem o praticou.

Greves

Já aqui dissemos das características da greve algodoeira, na América do Norte.

Há dias que os periódicos e diários relatam a *huelga general* de Espanha, como protesto contra a Assembleia organizada pelo Instituto Catalão de Santo Isidro, tendo sido dado vivas à união do proletariado.

Incidentes, tiroteio, mortes — parece que a loucura tomou de renda uma grande parte das nações mundiais, já não falando na guerra do Chaco ou na pirataria chinesa.

! Mas, quando virá o sossêgo ao espirito dos homens!?

Ainda bem que tais sarilhos não perturbam o Estado Novo de Portugal.

Moral

O interesse que o livro do Prof. Nemilow — A tragédia biológica da Mulher — nos despertou, e onde se assiste «ao conflito que se origina quando o desejo do homem tropeça com dificuldades invencíveis da sua própria natureza, quando aparecem como causa do trágico as leis que dominam a natureza viva e cujo poder só desaparece com o fim

MENINO

Nasci pertinho do Sêlho
Sussurrante e cristalino!...
Foi sua água o espelho
Dos meus sonhos de menino...

A casinha onde nasci
Tinha uns moinhos palmeiros...
Mais linda que ela não vi
Nos arredor's de Canetos!...

Meus avós tinham burricos
Com seus arrôchos e cilhas...
Pobres, chegaram a ricos
De tantos filhos e filhas...

Moleiros do milho lotro,
Moleirinhos da alegria;
Tiveram sempre o tesouro
De acogular a maquia...

Taleguinhos de farinha
Pra o pão de Nosso-Senhor...
E pra fazer a brônha
Ao homem trabalhador...

Girava a pedra do moinho
Com a força da levada...
E eu sorria do bercinho
A' farinha prateada...

Brancos de neve os cabelos
Da minha linda avózinha,
Como acreditava, ao vê-los,
Que eram feitos de farinha...

Debaixo dos salgueirais
Sentado, já crescidinho,
Olhava as ondas aos ais
Do meu Sêlho queridinho...

Ficava de olhos parados
Nas refulgências do sol...
E de ouvidos encantados
Nos sonhos do roussinol...

Nas frondosas carvalheiras
Cigarras loiras zuniam...
Na água, trutas, matreiras,
Como fijasdas partiam...

Corria o Sêlho amoroso,
Tam manselinho e suave,
A procurar, saúdoso,
O colo branco do Ave...

* * *

De moleiros o netinho
(Extranha e rara faceta!)
Em vez de ser moleirinho
A sina fê-lo poeta!...

Agosto de 1934.

DELFIN DE GUIMARÃIS.

da mesma vida na transformação das células — levou-nos a desfiar o rosário da moderna moral, para logo o amarfanharmos num impulso [de revolta, a um tempo que nossos olhos se cerraram cheios de horror e de confusão.

¿Será possível, no século XX, a existência duma moral tão reles e tão dramática?

¿Será possível que a mulher continue como um instrumento de prazer ou fonte de benefícios?

Há «minúcias», como diz Nemilow, que devem ser requeridas e aproveitadas.

O Papão

A Sociedade das Nações votou por unanimidade o ingresso da Rússia no seu areópago, tendo-se absteído de o fazer Argentina e Portugal, a pesar das diligências empreendidas por Barthou.

LÊ-Ê-Ê.

Escola Industrial e Comercial

É no próximo dia 20 que termina o prazo para a matrícula nesta Escola. O nosso jornal, que à causa da Instrução não regateia serviços, registrará nas suas colunas, com o maior prazer, a notícia de haver sido muito elevada a concorrência a este importante estabelecimento de ensino.

O ensino professado nas Escolas Industriais e Comerciais é a segura garantia do triunfo da luta pela vida.

Aniversário do VITÓRIA

Passando no próximo dia 23 o XII aniversário da fundação do «Vitória Sport Club», campeão distrital, a sua digníssima Direcção pensa levar a efeito grandes festejos na sede e campo de jogos.

O «Notícias de Guimarães» dará um relato circunstanciado do programa das festas e prestará digna homenagem ao valoroso Club vimaranense que tanto tem sabido elevar o nome de Guimarães.

Crónica Desportiva

A' falta de relatos — Duas palavras com Estêvam Puskas — A acção do Conselho Técnico do «Vitória Sport Club» — Colégio de Arbitros Bracarense.

Há sabichões que armazenaram todas as teorias e práticas e não dão o direito a outrem de saber tanto ou mais que eles.

Enfeudados na sua personalidade, autênticos cabeças de chucha-pitos, impõem o *ditat* da esneira para salvaguarda do facto que lhes acoberta o corpo, e, sem tirtre-nem-garte, alcinham de inaptos todos aqueles que lhes ridicularizam a sombra grotesca e pícara.

Porque as ganas da ignorância não lhes dão para mais saber; porque as suas vaías de pedernal não passam de oiro falso, de liga desprezível; e, finalmente, porque os seus argumentos são rapalhás espalhadas pelas sarjetas, ante tanta audácia e tão pouco «resumo» só poderemos ter uma atitude a tender: o *desprezo*.

Desentupir ou esquadrihar a rica ciência (!) desportiva de cérebros tão figulinos, seria desleal, e mais ainda, tornar-se-ia uma deslealdade.

Quem «está sentado, ficará sentado eternamente».



Tendo tido a curiosidade de ver os últimos treinos, pasmamos da bela orientação que vemos tomando e recordamos a guerra de morte que se desencadeou contra o húngaro Estêvam Puskas, treinador contratado pela actual Direcção do «Vitória Sport Club».

A passividade do treinador durante a última época, os queixumes surdos de alguns jogadores e o silêncio daqueles que o haviam trazido para este meio — tudo contribuiu para aumentar a nossa admiração ao verificar a *slenderness* com que Puskas destramou a intriga que à sua volta vinha urdindo teia.

Sol de pouca dura? Locubração de estranho? Guarda-vista simulada?

O certo é que resolvemos petiscar os conhecimentos do nosso hóspede e revelá-los em público logo que nos fosse possível. E assim, a uma mesa do Oriental, sem que o próprio entrevistado o percebesse, dissemos-lhe:

— Creia, sr. Puskas, que os seus treinos da semana última foram verdadeiramente interessantes. Ao *brouhaha* que por aí tomou levante temos de confessar o erro do clamor e dar-lhe os parabéns pelos conhecimentos que soube revelar e energia com que iniciou os treinos da presente época.

— Compreende o senhor; há menos de um ano em Portugal, conhecendo pouco a vossa língua e nada da índole dos desportistas portugueses, tornou-se-me difícil a missão e obriguei-me à expectativa de quem estuda e deseja chegar a uma conclusão firme e capaz. Primeiro, encontrei a *équipe* do «Vitória» muito fraca de físico; depois, reconheci a distância enorme que desportivamente a separava das outras *équipes* que treinei. A acrescentar a isto uma falta de educação que contrastava com a minha situação de estrangeiro cortês e cavalheiresco, decerto que teria de influir no acanhamento que me assaltava, não fosse eu criar inimizades numa terra que me favorecia os meios de viver. Não falo já nas aptidões pessoais dos jogadores. Confesso que eles não possuem em grande quantidade, não sem que laborando em erros, difíceis de emendar, atendendo à idade de alguns.

— Diga-nos, sr. Puskas: ¿não lhe seria fácil corrigir esses defeitos?

— Se falasse bem português, nada de difícil seria fazer essa correcção. Porém, isolado, desobedecido, lutando contra a inteligência desportiva e também contra os desregramentos de vida que os jogadores praticavam, como obrigar esses desportistas a fazer o contrário, quando as minhas expressões não se faziam compreender?!

Mas, dir-lhe-ei mais: embora pese aos menos simpatizantes, fui eu quem fez o «Vitória» campeão. Já na véspera do 1.º jogo com o «Sporting», de Braga, eu havia dito ao Paredes que no último quarto de hora, em caso de empate, o deslocaria para a linha dianteira, já confiante na vitória porque me satisfazia plenamente a resistência do 1.º grupo de honra, falha é certo de *asso-*

ciation, mas de jogadores serênos e com recursos.

— Sim, de acordo. O senhor convence-nos que fêz pouco pela deficiência de linguagem e de trato. Contudo... Vamos a prosseguir quando Puskas nos atalhou:

— Garanto-lhe sob palavra que já fiz dois campeonatos em países estrangeiros. O «Vitória» também o foi. Sê-lo-á para o ano, porque Puskas o preparará. O *foot-bal* internacional obriga a 3 treinos por semana. Preparação, às terças-feiras; técnica e jogo, às quintas; e nova preparação menos violenta às sextas-feiras. Em Portugal, procura-se remediar com 2 treinos semanais. Bastam? Temos de nos sujeitar ao uso. Apesar disso, como já teve ocasião de verificar, a minha forma de treinar está dentro dos moldes do *modern foot-ball*. Há quem deseje o sistema inglês, remova-lo outra e outra vez com introduções novas de pouco resultado. Afirmando que o citado sistema peca por muito largo, e só o sistema internacional poderá vir a ser considerado um desporto e não uma fábrica de doentes cardíacos e tuberculosos.

Urge poupar o homem, dando-lhe a garantia de que a prática do *foot-ball* é um exercício reconstitutivo e são. Nos treinos que se sucederão, o senhor verá que a razão me assiste.

Hoje, tenho a minha responsabilidade a organização de mais 3 categorias, incluindo o infantil. Provar-se-á ao povo desta terra tão hospitaleira que o húngaro Puskas é honesto e não quer enganar ninguém. Será enérgico e sabedor, porque compreende melhor o português.

Um apêto de mão pós ponto na conversa, que nos satisfez plenamente pelo desassombro e conhecimentos revelados.

*

Quizemos conhecer de perto a envergadura do nosso primeiro club desportivo, principiando por inquirir da acção do Conselho Técnico na passada época de 1933-34. Graças à amabilidade do sr. Amadeu José de Carvalho, prontamente nos foi revelado o segredo, que, em abono da verdade, representa um esforço e trabalho enormes. Nunca pela mente nos passou que o «Vitória Sport Club» tivesse organizado serviço tanto a capricho — o que vem demonstrar zelo e competência de quem superintende em tais assuntos. Logo de começo, o sr. Amadeu Carvalho nos expôs da organização burocrática do Conselho de que faz parte, colocando à nossa disposição o modelar Registo de jogos, o Registo oficial dos jogadores, com filiação, categoria idade, datas, etc., o Arquivo das Fichas de jogadores de *Foot-ball* e Basket, anexados os boletins médicos e o averbamento de *goals* e pontos, o Arquivo das Linhas com as autorizações respectivas, o Arquivo da Correspondência entre a Direcção, treinadores e directores das secções dependentes do Conselho Técnico, Arquivo dos Comunicados oficiais da Associação, Calendário de Jogos com a descriminação dos realizados, grupos convidados, deslocacões, etc.

— Além desta organização puramente burocrática, mas trabalhosa — diz o A. Carvalho —, de que só há uma pálida sombra no «Foot-ball Club do Porto», teremos de salientar o cuidado a ter com as equipes e calçado, discussão das linhas entregues pelo treinador é organização das diferentes categorias a saber: 1.ª, Reservas, 2.ª e Infantil.

Pelo que respeita à ginástica, tencionamos dar-lhe um grande impulso na presente época. Pensa-se num professor competente, talvez o conhecido desportista, sr. Armando Moura, que no seu tempo tantas vitórias alcançou para o Norte e que especializará os sócios nas várias modalidades atléticas, como: velocidade pura, longa, saltos, lançamentos, etc.

O *Hand-ball* terá também o seu grupo, não esquecendo que tudo é desporto quando praticado com regra. Todos terão de confessar que o Conselho Técnico não dorme e sabe da responsabilidade que sobre si impede.

Conduzidos à sala da Direcção, pudemos ver o carinho com que estão expostas as taças, galhardetes e fitas, não obstante ter reparado na falta da «bola» que deu o campeonato distrital e que o sr. A. Carvalho disse estar a arranjar.

Com as nossas felicitações, sentimentos orgulhosos da organização dada ao «Vitória» pelo seu Conselho Técnico.

*

Foi nomeado 2.º Secretário do Colégio de Arbitros Bracarense, o nosso presado contrerrâneo, árbitro e ardoroso desportista, sr. Amadeu José de Carvalho.

Com os nossos cumprimentos, o desejo dum bom desempenho de lugar.

Espectador.

Hoje, o «Vitória» joga com o «Sporting» da Póvoa de Varzim, nesta cidade

Hoje, no Campo do Benlhevai, realisa-se um desafio de foot-ball entre o «Sporting» da Póvoa de Varzim e o Grupo de Honra do «Vitória Sport Club», pelas 14 horas.

Da Cidade

Ainda o incêndio do Palacete da Espinhosa—A Liga dos Bombeiros Voluntários de Portugal oficiou ao digno Comandante dos B. V. de Guimarães, informando-se do estado dos bombeiros feridos por ocasião do incêndio do Palacete da Espinhosa. O referido Comandante agradeceu aquela atenção.

Homenageando—No regresso da Parada dos Bombeiros, realizada no Pôrto, um piquete de B. V. de Cascais, acompanhado pelo seu respeitável comandante sr. Joaquim Teotónio Segurado, foi em romagem ao túmulo do saudoso comandante dos B. V. de Guimarães, Sr. Simão da Costa Guimarães, sobre o qual foram desfolhadas flores.

Festividade à Senhora da Guia—Decorreu com muito brilho a festividade em honra de N. S. da Guia, realizada na última segunda-feira, na capelinha da sua invocação.

Houve, de manhã, missa cantada e, à tarde, Ladainha, Sermão e bênção.

Foi orador o ilustre capelão militar, rev.º dr. Abílio Cândido de Almeida Gomes, do Pôrto, que teve a escutá-lo um auditório numeroso e selecto, entre o qual se viam muitas senhoras.

O orador prendeu, por espaço de uma hora, a atenção dos ouvintes, pronunciando uma elegante peça oratória, de primoroso recorte literário e cheia de ensinamentos cristãos, confirmando-nos, uma vez mais, a sua eloquência.

A capelinha achava-se ricamente ornamentada, sobressaindo o trono e o altar da Virgem, que estavam artisticamente adornados com mimosas flores e plantas, pratos e grande profusão de luzes, tudo disposto, com muito gosto, pelas sr.ªs D. Rosa de Jesus Ribeiro e D. Custódia Costa.

A parte coral a cargo do estimado organista local sr. Francisco Correia Lopes, esteve à altura da linda festividade. Um filho deste sr. cantou, primorosamente, a solo, a Avê-Maria.

Presidiu aos actos o pároco-coadjutor da Oliveira, rev.º António Silva.

No Sr. Siléne—Recebemos, há dias, dois artigos assinados por *Siléne*. Como não sabemos de quem se trata, pedimos ao referido autor o favor de vir à nossa redacção.

Música no Jardim—A Banda dos Bombeiros Voluntários, desta cidade, executa hoje, das 21 às 23 horas, o seguinte programa:

1.ª parte: Novo Regimen, Marcha, Taborda; Poeta Payson, Sinfonia, Franz Suppé; Serrana, Selecção, Alfredo Keil; Vendedor de Passaros, Fantazia, C. Zella.

2.ª parte: La Republica del Amor, Zarzuela, Chueca; La Desseada, Java, Texidor; El Guagiro, Paso-Doble, Hurtado.

Exposição Colonial—A Têxtil das Azenhas Novas, de Vizela, de que são gerentes os nossos amigos srs. António da Costa Carneiro e Joaquim de Sousa Oliveira, levou o seu pessoal, num dos dias da semana passada, a visitar a grande Exposição Colonial.

Felicitemos aqueles nossos amigos por tam simpático gesto.

Ocorrências—António Joaquim Antunes, solteiro, caidador, morador na rua das Lameiras, foi agredido à facada, por Francisco Gonçalves, solteiro, caidador, morador no Largo da Cruz de Pedra, recebendo ferimentos no órgão visual direito.

Foi pensado no Hospital e a polícia tomou conta da ocorrência.

Leite adulterado—Pela Direcção da Fiscalização de géneros alimentícios foram aplicadas multas de 1.300\$00 a várias vendedoras de leite, por adulteração daquele género.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Dr. Eduardo d'Almeida

Com sua família, partiu na quinta-feira para as suas propriedades de Gominhais, o talentoso advogado e nosso ilustre colaborador sr. dr. Eduardo d'Almeida.

A. L. de Carvalho

Com sua esposa e filho regressou da Póvoa de Varzim o sr. A. L. de Carvalho, nosso distinto colaborador e activo vereador da C. A. da Câmara.

Luís António Pereira

Tem estado entre nós o nosso amigo e grande benemérito da Penha, sr. Luís António Pereira.

António Leite Castro

Encontra-se a veranejar na Estância da Penha, o nosso amigo e estimado conterrâneo, sr. António Leite de Castro.

J. Bastos Monteiro

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso amigo, sr. J. Bastos Monteiro, delegado da importante Companhia de Seguros, "Comércio e Indústria".

Dr. Alfredo Peixoto

Encontra-se a veranejar nas suas propriedades de Baiona, Taipas, o sr. dr. Alfredo Peixoto.

Dr. Francisco Pinto Rodrigues

Passou ontem o aniversário natalício deste nosso querido amigo e inteligente advogado, a quem, por tal motivo, apresentamos as mais sinceras felicitações.

Dr. Pedro Guimarães

O nosso ilustre conterrâneo e distinto clínico operador, sr. dr. Pedro Guimarães, mudou a sua residência para a Rua da Boavista n.º 322, da cidade do Pôrto.

Vimos nesta cidade o nosso amigo e ilustrado pároco de Gondomar, rev.º António Alberto Ribeiro.

—Regressou de Lisboa o nosso amigo, sr. Manuel C. Martins.

—Encontra-se na Póvoa de Varzim, com sua família, o estimado solicitador e nosso amigo, sr. Augusto Silva.

—Regressou da Póvoa de Varzim, com sua ex.ª esposa e sobrinhas, o nosso prezado amigo sr. Francisco de Assis Costa Guimarães.

As obras da reconstrução do seu palacete da Espinhosa, que há dias sofreu um violento incêndio, principiaram já, e activamente. O nosso amigo fixou, temporariamente, a sua residência na Rua de Gil Vicente, em casa de seu cunhado e nosso amigo sr. Rodrigo Pimenta.

Grupo recreativo "Os Infalíveis"

Este grupo recreativo local que tem sido, nos seus cinco anos de existência, um verdadeiro arauto da nossa terra, fazendo, inteligentemente, a sua propaganda por terras de Portugal, esteve em festa na quinta-feira última, por motivo da passagem, naquela data, do seu 5.º aniversário.

Os seus componentes, honestos trabalhadores, e com satisfação o dizemos, bons filhos e dedicados amigos de Guimarães, reuniram-se, para comemorar tal acontecimento, num jantar de confraternização, que se realizou na Pensão Arcádia e decorreu no meio da mais leal e comunicativa camaradagem.

Alguns dos convivas pronunciaram entusiásticos brindes, repletos de amor bairrista e de espírito de solidariedade, que são bem a prova do quanto vale o valoroso grupo recreativo.

O "Notícias de Guimarães" agradece o gentil convite que lhe foi dirigido e as manifestações de simpatia que lhe foram tributadas no decorrer daquela festa.

Várias notas

Em sua carta de 11 deste mês para o "Primeiro de Janeiro" o correspondente de Braga para aquele diário refere-se às famosas termas das Taipas, dizendo: *"A poucos quilómetros da cidade de Braga e na estrada que daqui vai para Guimarães e, num dos mais deliciosos recantos desta formosíssima e encantadora provincia do Minho, existem as outrora famosas Caldas das Taipas que, no seu tipo hidrologico são das mais preciosas que se notam no nosso abundante e rico manancial de águas medicinais"*.

Quem lêr o que aqui deixamos transcrito, e não conheça as Taipas, fica plenamente convencido que as lindas termas pertencem à cidade de Braga, quando é certo que são nossas, muito nossas.

Se o colega dissesse *"a poucos quilómetros da cidade de Braga e dentro do vizinho Concelho de Guimarães..."*, estava bem e era até louvável a sua atitude, no que respeita à parte fundamental do seu artigo; mas querer dar a impressão de que as Taipas estão dentro da área turística de Braga, isso não.

Nós aqui só elogiamos e só falamos até naquilo que nos pertence: Vizela, Taipas, Citânia, Pevide, S. Torcato, Penha, etc., e não consta que vez alguma tenhamos querido dizer que a Falperra também é de cá.

Só a prata da Casa.

Somos modestos, mas nunca egoístas nem trapalhões.

Alguns leitores chamam a nossa atenção para o facto de as sardinheiras estacionarem na rua de Paio Galvão e na Avenida Cândido dos Reis.

Um e outro lugares são, principalmente nesta época do ano, muito frequentados por turistas e, com franqueza, é simplesmente vergonhosa tal exibição, que, a nosso ver, deve ser feita apenas na Praça do Mercado.

*

Há dias passavamos na rua de 31 de Janeiro e vimos que um homenzito fazia a limpeza dos metais da Caixa do Correio. Esqueceu-se, porém, o mesmo servente, segundo constatamos momentos depois, de *arrancar* ao mármore onde a caixa está colocada, as muitas obscenidades que o garotinho ali fez afixar e que a um nosso visitante sugeriram, há dias esta frase:

—E' inacreditável!

A quem de direito pedimos o favor de mandar limpar a lápide em referência.

Como aquilo não foi ali colocado para *apregoar* a identidade de ninguém, é bom que os filhos que ali foram escrever os nomes de suas mãis se lembrem que ninguém precisa de conhecer a sua miséria moral.

Entendidos?

O *Notícias de Guimarães* levou a bom termo a campanha contra aquele *pardieiro* que, durante muito tempo, nos envergonhou, ali, na Avenida Cândido dos Reis.

Dizem-nos que no mesmo lugar vai levantar-se um grande prédio, destinado à sede social duma das mais importantes Casas de Guimarães.

Só temos que louvar tal iniciativa, que vem perfeitamente de encontro a tudo quanto se disse nestas colunas.

Falecimentos

Faleceu a sr.ª D. Luciana Carolina Teixeira, esposa do sr. Lourenço Teixeira e mãe dos srs. João, Rodrigo, Francisco Maria e José Teixeira, e das esposas dos srs. José Marques Ribeiro e Joaquim Alves Pinto.

O seu funeral realizado no último domingo, foi bastante concorrido.

Pêzames à família dorida.

UM APOSTOLO DA INSTRUÇÃO

Quando, em junho do ano de 1930, fui transferido para a Escola Industrial e Comercial de "Fernando Caldeira", em Aveiro, tive a felicidade e o máximo prazer de conhecer o sr. Francisco Augusto da Silva Rocha, prestigioso Professor e Director daquele estabelecimento de ensino. Recebido por sua ex.ª, no edificio da Escola, a fim de me ser conferida a posse do meu cargo, nunca me senti tam sensibilizado, tais foram as amáveis atenções e as muitas deferências que, o então meu novo Director, me dispensou. Tive ocasião de verificar que me encontrava junto de um verdadeiro homem de bem, dotado dos mais puros e dos mais nobres sentimentos.

O sr. Silva Rocha, venerando Professor, prestigioso Apóstolo da Instrução e fervoroso defensor dos interesses da sua Escola, é o mais perfeito modelo da bondade. Sempre pronto a dispensar aos outros os seus valiosos serviços e a sua inconfundível generosidade, como mais uma vez o provou no meu caso, sua ex.ª é altamente estimado por tódas as pessoas que, como eu, têm a subida honra de o conhecer pessoalmente. Assim mo disseram em Aveiro e assim o reconheci pelo que se passou comigo, pois que nunca ninguém me inspirou maior simpatia, em tam pouco tempo de convivência, do que sua ex.ª. Estas breves palavras, escritas por quem sabe cultivar o sagrado dever da gratidão, vêm a propósito de uma noticia dada na correspondência de Aveiro para o "Primeiro de Janeiro" sobre o facto do sr. Silva Rocha ter deixado a Direcção da Escola Industrial e Comercial, em virtude de ter atingido o limite de idade.

Essa noticia, publicada sob o sugestivo titulo *"Um devotado cultor do ensino"* será transcrita no "Notícias de Guimarães", se o seu digno Director me quiser distinguir com mais esta amabilidade. Assim o espero.

Gomide, 6-IX-934.

Prof. Mário Menezes.

N. da R.

Conforme os desejos do nosso prezado amigo e ilustre colaborador sr. Mário Menezes, transcrevemos, a seguir, a noticia acima referida:

Um devotado cultor do ensino

AVEIRO, 3.—Por limite de idade, deixa amanhã o exercicio das suas funções officiais, como professor e director da Escola Commercial e Industrial de Fernando Caldeira, nesta cidade, desempenhados há 51 anos, sem um dia de licença, porque assim consta do registo respectivo, o sr. Francisco Augusto da Silva Rocha.

Facto vulgar, como exigência da Lei, o caso presente merece, e sem favor é digno de que seja registado com algumas palavras, embora modestas e sem luzimento, mas todavia registadora dum belo exemplo de dedicação e tenacidade pelo Ensino e aproveitamento de quantos, nas Escolas Commercial e Normal, no Liceu e na Officina, tiveram ensinos de aprender, ouvindo o ilustre professor, vivo exemplo de quanto pode a nitida compreensão dos seus deveres, para êle sagrados.

Como dizemos, durante o longo prazo de de 51 anos — não solicitou, o sr. Silva Rocha, uma licença, e diz ainda o registo a que nos reputamos — durante esse largo período de tempo teria tido uma média de 3 dias de doença por ano. Não implica, nem dignifica, por certo, um favor ou uma lisonja quanto aqui referimos, salientando a grande dedicação e enxcedível amor, manifestado inalteravelmente pelo sr. Silva Rocha, tanto ao seu lugar, como à sua cátedra. Exemplo modular de trabalho que êle soube sempre, tão brilhantemente, colocar acima de tudo e através de tudo, não foram somente os cargos da Escola que lhe prenderam a actividade de toda a sua vida.

Foram também outras preocupações, e não foram poucas, e que teve de atender, pois, juntamente exerceu vários lugares, servindo desde 1919 até à sua extinção, na Escola Normal; professor de desenho na grande fábrica da Vista Alegre; desenhador de 1.ª classe do Corpo Auxiliar de Engenharia Civil em 1887; vice-presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal desde Junho de 1926; gerente da Caixa Económica Aveirense desde 1917; professor do Liceu desde 1898 a 1906, aparte outros cargos, como professor, exerci-

Do Concelho

S. Torcato, 12.

Várias noticias

Na sexta-feira da semana passada realizou-se, na igreja matriz desta freguesia, o costumeado exercicio do Coração de Jesus, o qual foi muito concorrido e decorreu com muito brilho.

—O lavadouro público, situado em Sub-Deveza, desta freguesia tem uma óptima cobertura de zinco novo. O rapazio junta-se ali a atirar-lhe pedradas, amolgando-o e inutilizando-o. Bom seria que, enquanto é tempo, tanto os pais, como as autoridades mandassem pôr cõbro a semelhante vandalismo.

Aqui fica, para o bem público, a nossa reclamação.

—No sábado e domingo da pretérita semana, por coincidir com a data da romaria da Senhora do Pôrto de Ave e com a grande peregrinação ao monte da Penha, foi este importante centro de Turismo muito movimentado por caminhetas e automóveis com forasteiros, que vieram ver o magestoso Santuário de S. Torcato, trazendo-lhe as suas esmolas.

—No domingo passado, seguiu para S. Romão, a incorporar-se na peregrinação à Virgem da Penha, o abade desta freguesia, rev. Henrique Gonçalves Pereira, acompanhado de muitos fiéis.

—O nosso ex.º amigo sr. Manuel Domingues Claro, do lugar da Corredoura, desta freguesia, já mandou instalar na sua linda e importante vivenda da Chã da Vinha, a luz eléctrica, com cerca de quarenta lâmpadas. E' um óptimo melhoramento que aquêle nosso amigo introduz no seu prédio.

Felicitemo-lo.

—Seguiu para a Póvoa de Varzim, a fim de gozar das belezas daquela praia, o nosso estimado amigo, sr. João da Costa Guimarães, digno comerciante e proprietário desta freguesia.

C.

Infias, 11

No passado domingo, pelas 19 horas, foi levado a enterrar um anjinho. No cemitério nem cova aberta, nem coveiro. A culpa cabe ao presidente da Junta, porque demitiu o coveiro por um capricho e contra a vontade da maioria da população. A junta não effectua sessões vai em 2 anos e tem assinado documentos que dão prejuizo à freguesia.

—Os moradores do lugar do Cruzeiro, desta freguesia, bebem água de charcos imundos, sem que haja alguém que olhe por este estado de coisas.

C.

Domus Municipalis

Na última sessão da C. A. foram aprovadas várias propostas sobre ensino primário, apresentadas pelo digno vereador sr. A. L. de Carvalho, e foi concedido o subsídio de 500\$00 ao *Vitória Sport Club*, para aquisição duma taça a disputar na festa desportiva do próximo domingo.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a 4.ª página do nosso jornal.

NOVIDADES

"ROSITA", (One-Step)

Recebemos, por intermédio do nosso amigo sr. Francisco Ribeiro de Castro, esta interessante Canção, género popular, dotada de bom gosto melódico, à qual está reservado um retumbante successo.

A Manuel de Almeida e José Nêto Júnior, aquele na música e este na letra, as nossas felicitações.

A referida Canção encontra-se à venda na "Casa das Novidades".

PRODUTOS TOKALON

Pó de arroz, cremes e rouge

— na —

Casa das Gravatas

dos antes da sua entrada para o quadro oficial do professorado.

Em 1883, inaugurada que foi a actual Escola Commercial, na presença de António Arrolo, como inspector, Joaquim Telo, representando o Director Geral, Mendes Leite, como Governador Civil, dr. Jaime Lima e tantos outros azevires ilustres, o sr. Silva Rocha apenas interrompeu as suas funções aqui, quando teve de ir em missão official ás escolas de Setúbal e Figueira da Foz, 1911-12.

Que possa gozar a reforma por largo tempo, são os nossos mais sinceros votos. — C.

